

Sarney desiste de tentar influir na Constituinte

Derrotado em questões essenciais, presidente cala para não sofrer prejuízos eleitorais

BRASÍLIA — O presidente José Sarney desistiu de brigar com a Constituinte, mesmo reconhecendo ter sido derrotado na maioria dos pontos essenciais, porque acha arriscado a estas alturas fazer críticas abertas contra a nova Carta, que surge num momento especialmente delicado, em plena campanha para eleições municipais.

Nas avaliações feitas com assessores políticos no Palácio do Planalto, o presidente Sarney concluiu que o melhor é deixar os constituintes livres para dizer o que quiserem. Anteontem ele alertou para os problemas que o título da Ordem Social podem causar ao caixa da Previdência, mas não quis ir além. Segundo se afirma no Planalto, a cobrança de uma atitude mais dura a seus interlocutores na Constituinte provocaria reações adversas ao governo, cujos aliados, na quase totalidade, estão engajados nas eleições municipais.

Em resumo, de acordo com um interlocutor do presidente, as eleições municipais prejudicaram as articulações do governo na Assembleia Constituinte. Sem condições de se apoiar nas lideranças, e diante da perspectiva de promulgação da Constituição em setembro, a Sarney só resta contabilizar ganhos e perdas. Como ganhos ele anota a garantia de que a ter produtiva não será desapropriada para fins de reforma agrária, a manutenção do papel das Forças Armadas como guardiãs da lei e da ordem e a votação que permitiu o fim da moção de censura a ministros de Estado. Em contrapartida, não conseguiu derrotar a jornada de seis horas, a licença-paternidade, o voto aos 16 anos, e vê poucas perspectivas de derrubar as anistias creditícia e fiscal.

Segundo o porta-voz do presidente, Carlos Henrique de Almeida Santos, Sarney deu por encerrada a sua tentativa de influir nos trabalhos constitucionais com o pronunciamento feito em cadeia nacional de rádio e televisão, em maio. Ele nega inclusive que o presidente tenha se articulado para mudar o título da Ordem Social, cuja votação em plenário, ontem, manteve o texto original aprovado no primeiro turno.



Sarney deixa o Planalto: mais derrotas que vitórias

Valbert justifica "desmonte"

O ministro-chefe do Estado Maior das Forças Armadas (EMFA), almirante de esquadra Valbert Lisieux de Medeiros Figueiredo, afirmou, ontem, em Porto Alegre, que o presidente Sarney está muito preocupado com a redução nos recursos da União, em consequência de medidas aprovadas pela Constituinte. "A 'operação desmonte' era necessária", frisou. "O presidente teria de fazer alguma coisa nesse sentido". O ministro não quis falar sobre a Constituinte. "Um fato", disse apenas, cujos resultados serão conhecidos pela sociedade brasileira com o tempo.

Fato é que a "operação desmonte", segundo o almirante Lisieux, vai retardar uma série de projetos do EMFA, mas isso não ocorrerá de "maneira drástica". Ele só não esclareceu quais os projetos a serem adiados e de quanto é o montante do corte. Procurou contestar, no entanto, a

notícia publicada pela revista *Veja*, segundo a qual um grupo de profissionais (46 médicos, dentistas e bioquímicos recém-formados), que prestaram serviços no Projeto Calha-Norte, foi vítima de "calote" salarial pelo EMFA. De acordo com ele, não houve falta de pagamento, apenas um atraso. O atraso de quatro meses será sanado, garantiu o ministro, pela assinatura de convênio entre o EMFA e outros ministérios, devendo tudo se regularizar em uma semana.

Em Salvador, também o ministro da Justiça, Paulo Brossard, afirmou que os cortes do governo federal vão afetar sua pasta, especificamente no programa de construção de penitenciárias. "Pensávamos construir uma penitenciária em cada Estado, pois era setor esquecido nos últimos 40 anos. Mas em virtude da nova política de contenção, faremos uma revisão completa desse programa", explicou.

Ulysses ainda pode ter mais um mandato

BRASÍLIA — As emendas que permitiram a reeleição de Ulysses Guimarães à presidência da Câmara foram retiradas. Mesmo assim, os deputados Adolfo Oliveira, líder do PL, e Inocêncio Oliveira, vice-líder do PFL, estão coordenando um movimento interpartidário no plenário da Constituinte para manter Ulysses no cargo durante o período 89/90. Seria uma homenagem ao "senhor Constituinte". Para Adolfo Oliveira, a medida se justifica. "O dr. Ulysses na chefia da Câmara é fator de estabilidade institucional", diz ele.

O líder do PL insiste em que o plenário precisa reexaminar a questão da reeleição do presidente da Câmara. Sua opinião é endossada pelo deputado Israel Pinheiro Filho (PMDB-MG), para quem a Constituinte ainda poderá "prestar a devida homenagem a Ulysses, autorizando sua recondução à presidência da Câmara em caráter excepcional". Isso ocorreria no final da votação do capítulo das Disposições Transitorias.

Principal beneficiado nas articulações, Ulysses já deixou claro que não está interessado em um novo mandato de presidente da Câmara. Ontem, o senador Jorge Bornhausen (PFL-SC) explicou ao líder do PSDB, deputado Pimenta da Veiga (MG) — favorável à reeleição de Ulysses — que retirou sua emenda que levantava a proibição atendendo a um pedido do líder peemedebista na Constituinte, deputado Nelson Jobim (RS). O senador catarinense comunicou também pessoalmente sua decisão ao presidente do PMDB e sentiu que Ulysses "optou pela sua candidatura à Presidência da República".

"De nada adiantaria o dr. Ulysses ser vice-presidente da República se ele mesmo decidiu ficar inelegível", disse Bornhausen a Pimenta da Veiga. O deputado "tucano" concordou com o argumento, mas lamentou as dificuldades constitucionais que impedem a reeleição de Ulysses à presidência da Câmara e sua permanência na função de vice-presidente da República.

Reeleito presidente da Câmara, Ulysses continuaria como vice-presidente constitucional de Sarney. Mas, sendo candidato à Presidência da República, seis meses antes das eleições ele não mais poderia substituir Sarney em seus eventuais afastamentos, como viagens ao Exterior, sob o risco de ficar inelegível. Até o final da tarde de ontem, o documento retirando as emendas pró-reeleição não havia sido entregue à secretaria-geral da Mesa da Constituinte. Se não for permitida a recondução de Ulysses, serão candidatos a presidente da Câmara os deputados Paes de Andrade, Bernardo Cabral e Paulo Mincarone, todos do PMDB.

Sr. Diretas agora simboliza a Carta

CECÍLIA PIRES

Com a autoridade de um general britânico e a paciência de um mandarim chinês, o ex-sr. Diretas, deputado Ulysses Guimarães, chega esta semana à reta final de um sonho e de uma obstinada determinação ao comandar, depois de 19 meses de trabalhos, o final das votações da Constituinte. Não cabem exclusivamente a Ulysses os louros desta batalha, mas ninguém a simboliza tanto quanto ele.

"A Constituição é o próprio Ulysses", define o deputado Heráclito Fortes (PMDB-PI), um dos políticos mais próximos ao parlamentar. Ao perder a cargo do qual mais se orgulhou em sua longa carreira política, como manifestou publicamente, o de presidente da Constituinte, Ulysses ganha, agora, um título talvez mais ilustre: o de sr. Constituinte.

Durante um ano e sete meses de trabalho, Ulysses entremeou votações com a administração de crises políticas, confronto com o governo e risco de crise institucional. Recebeu toda sorte de críticas por ter abandonado seu partido à própria sorte e perdeu boa parte dos peemedebistas históricos que o acompanharam na construção do PMDB. A tudo resistiu, teimosamente.

"Eu durmo quórum, almoço quórum, sonho com quórum, não penso em mais nada", desabafa Ulysses, em plenário, ao pedir que os constituintes compareçam às votações. Nas longas noites regadas a poire na sua casa do Lago Sul, quando reúne os mais íntimos interlocutores e alguém propõe discutir política, ele propõe falar de Constituinte, entre um gole e outro da aguardente de pèra francesa: "Esta é a minha conversa".

Dorme pouco, menos de seus horas por dia, e solicita muito seus principais colaboradores, como o jurista Miguel Reale Júnior, seu assessor especial, e Oswaldo Manicardi, seu secretário particular. Uma curta ausência da sala

é reclamada com exagero: "Isto é hora de o Oswaldo ir ao banheiro?", costuma perguntar.

Comandante de todos, a ponto de ser chamado pelo então líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas, de "monarca", Ulysses só obedece, dentro de casa, a uma única pessoa, sua mulher, Mora. No ritmo alucinante das votações mais polêmicas, é ela quem cuida do homem Ulysses Guimarães, ordenando: "Coma direito"; "endireite esta gravata". Raríssimas vezes a companhia, atenta e discreta, deu palpites em política. Em uma delas, pediu que Ulysses fosse firme diante das críticas dos militares contra a Constituinte. Ulysses foi. Chamou a Junta Militar que outorgou a Constituição de 67 de "Três Patetas". Bebe pouca água, para não ter que se ausentar da Mesa, durante as votações, numa corrida ao banheiro. Antes das sessões, toma garapa, cujo açúcar lhe dá mais disposição para enfrentar, às vezes, oito horas seguidas de votações.

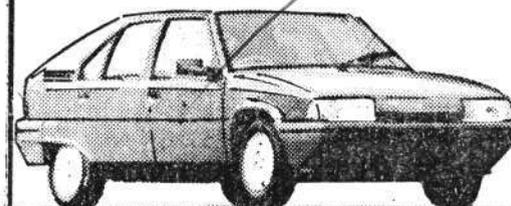
Restabeleceu a admiração e o respeito de todos os constituintes ao responder firme ao presidente Sarney contra as críticas feitas à Constituinte, no célebre discurso em que proclamou: "Ingovernável é a miséria". Na época, comparou-se a um herói francês. "Quando estou cercado, ataco", concluiu.

Nem inimigos nem amigos que acabaram divergindo de suas posições, como o deputado Euclides Scalco, hoje no PSDB, deixam de reconhecer a representatividade de Ulysses na Constituinte: "Ele é a liderança mais forte, hoje, no PMDB, para ser candidato à Presidência da República". Alguns, como seu fiel amigo Heráclito, acreditam que Ulysses, ao atravessar o País com a Constituição sob o braço, recuperará a popularidade e será a liderança mais respeitada da Nação. "Ulysses tem o respeito de todo o País, enquanto o presidente Sarney tem a caneta", diz.

O carro de maior sucesso na Europa pode ser seu em 1988

MAIS BARATO QUE O RENT-A-CAR.

A linha Citroën está cada dia melhor. Conheça os novos modelos 88. Um deles pode ser seu na Europa. 0" km, seguro total e quilometragem livre. Solicite folheto informativo.



CITROËN

OREMAR REPRESENTAÇÕES

São Paulo: Av. Ipiranga, 324
Bl. C - 2º and. - PABX (011) 258-1244 -
ou DIRETO (011) 255-6339